

# Peixe fresquinho todo dia em Itapoã

*Pescadores da região lançam a rede no mar toda manhã e vendem os peixes na orla. Tem pescadinha, espada, sardinha e outras opções*

**A**lém de curtir o mar neste verão, moradores e turistas de Itapoã, em Vila Velha, podem comprar peixes frescos todo dia na orla. Integrantes da Associação de Pescadores da região lançam a rede no mar toda manhã e na praia mesmo os peixes são vendidos.

Chicharro, sardinha, pescadinha, espada, galo e corvina são alguns tipos de peixes que podem ser encontrados. Com R\$ 5,00 é possível comprar 3 kg de sardinha, informam os pescadores.

Segundo o presidente da associação, José Fernando Correia dos Santos, 57 anos, conhecido como Zé Boião, a pescaria começa cedo. Os barcos vão para o mar por volta das 5 horas e retornam somente às 11 horas.

“Saímos cedo para trabalhar e todo peixe que pegamos vendemos na hora. Quando o turista ou o morador não compra, vendemos para comerciantes da região”, contou Zé Boião.

Toda manhã, entre 7 e 11 horas, acontece o famoso “arrastão”. Quando o cardume aparece, os pescadores puxam a rede para a areia e os interessados podem escolher ali mesmo qual peixe querem levar.

Os peixes são vendidos até as 11 horas na praia de Itapoã, em frente à Pousada Itatiaia.

## TRADIÇÃO

A associação faz parte da Colônia de Pescadores, que tem mais de 200 anos de tradição em Itapoã. Com 80 barcos, a entidade é formada atualmente por cerca de 50 trabalhadores.

Um dos mais antigos é João da Cruz Cardoso, de 82 anos, que desde 1943 faz parte da Colônia de Pescadores.



## URNA

A urna do projeto **A Tribuna com Você** está na Banca do Japonês, que fica na avenida Hugo Musso, nº 2.045, em Itapoã, Vila Velha, próximo ao Chale Motel. Os moradores do bairro podem depositar por escrito suas reivindicações e dar dicas de reportagens.

Do tempo em que ainda não existiam ruas em Itapoã, João contou como os peixes eram vendidos.

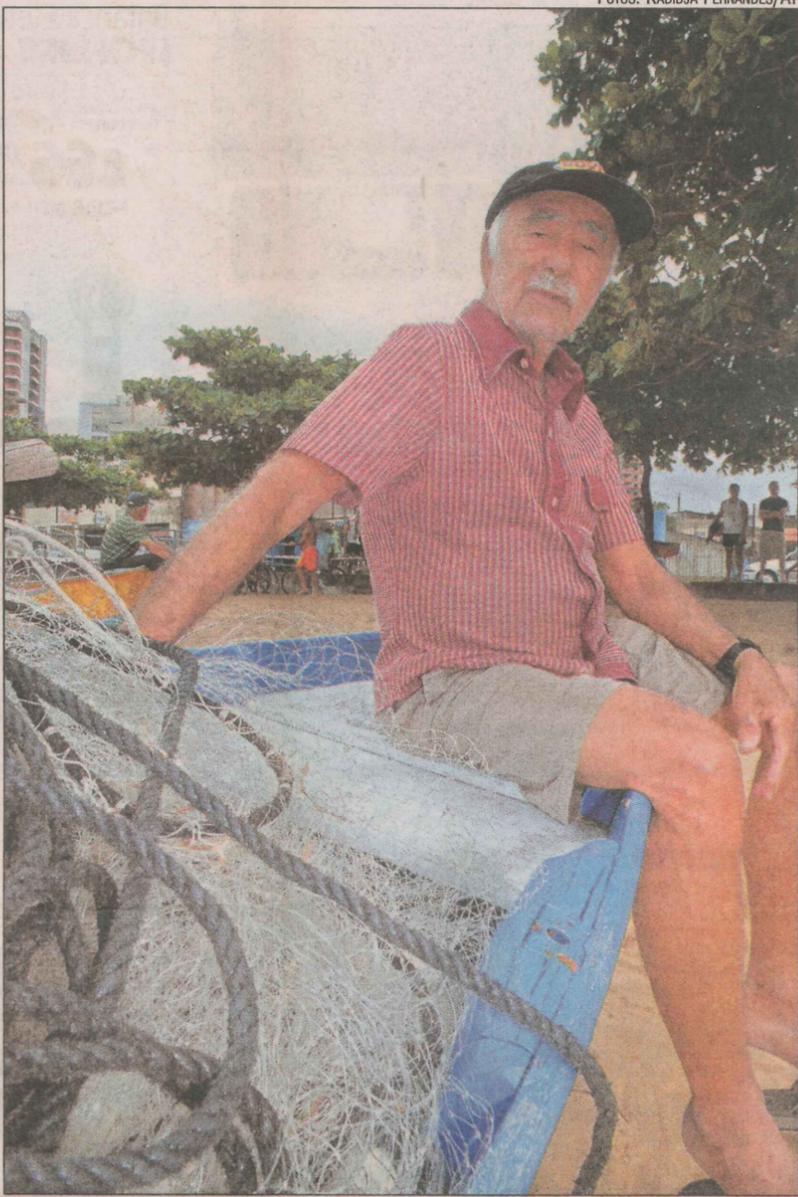
“Quando cheguei aqui, a colônia tinha 20 pescadores. Só havia um caminho para chegar à praia, que podia ser percorrido somente a pé. A gente carregava de 10 a 15 quilos de peixe nas costas até Paul, onde o peixe era vendido”, lembrou.

Apesar de não pescar mais, João é o único integrante da associação que fabrica tarrafas (tipo de rede para pesca). De acordo com ele, o melhor lugar para fazer a rede é na varanda de sua casa, de frente para o mar.

“Sinto muita saudade da época que pescava. Mas, hoje, ocupo meu tempo fazendo tarrafas. Já vendi minha rede até para a América do Norte”, afirmou o pescador aposentado.

As tarrafas custam de R\$ 200,00 a R\$ 400,00, dependendo do tamanho e do material.

FOTOS: KADIDJA FERNANDES/AT



João Cardoso não pesca mais e hoje fabrica tarrafas

## HISTÓRIA DO BAIRRO

- O bairro Itapoã, em Vila Velha, começou a ser ocupado no final da década de 50. O local era um grande sítio, conhecido como Apicum do Poço, que foi loteado e vendido.
- Jerônimo Monteiro foi o primeiro conjunto habitacional do bairro, construído pelo governo do Estado na década de 70 para seus funcionários.
- A ocupação de Itapoã ocorreu, principalmente, a partir da década de 80, com a construção da Terceira Ponte.
- Itapoã é um nome indígena e significa “pedra elevada”.

Fonte: Moradores de Itapoã

## RECORDAÇÕES

**ESTRADA** – O advogado Rogério Cascardi Valle, 70, mora em Itapoã há 40 anos, desde quando se casou. Ele disse que era perigoso ir à praia na década de 60.

A atual rua Jair de Andrade, a principal do bairro, era o único caminho que levava à praia e era cercado de árvores frutíferas, como maracujá e pitanga.

“Às vezes tinha que empurrar um galho e outro pelo caminho, a estrada era de terra e muito deserta”, contou ele.

Valle foi um dos primeiros moradores de Itapoã e, apesar da falta de estrutura, ele não abriu mão de criar seus filhos no bairro.

“Não tinha nem energia elétrica no



bairro, mas criei meus filhos aqui. Sinto saudades do tempo em que todo mundo na região se conhecia. A gente fazia festa junina, fogueira na rua e todo mundo estava sempre unido. Era muito bom”, afirmou emocionado.

**FUTEBOL** – Nascido e criado em Itapoã, o representante de vendas Fernando Damasceno Brasil, 39 anos, acompanhou todo o desenvolvimento do bairro. Da época da infância e adolescência, ele lembra com saudade de quando brincava de futebol na rua, até o ano de 1976.

“As ruas não eram calçadas e não havia muitas casas. Adorava jogar futebol com meus amigos”, contou ele.

Além da brincadeira com a bola, Fernando disse que era comum pegar rã no mangue à noite.

“Uma das nossas diversões era sair com a lanterna na mão para ir ao mangue



pegar rã. E todo mundo ia, crianças, adolescentes e adultos”, destacou ele.

Ir para o centro de Vila Velha era difícil, segundo ele. “Para pegar ônibus, a gente andava a pé até a pracinha de Vila Velha. Era bem longe”, lembrou.